

Dia a dia

www.twitter.com/gazetadia_dia

Sinal de fé.

Fiéis católicos realizam hoje uma romaria para Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, cujo dia é comemorado hoje. **PÁG. 5**



Mais espertos. Estimulados desde cedo, os pequenos aprendem a raciocinar

Acredite: a infância do seu filho é melhor do que a sua

Com mais acesso a informação e a saúde, ele está mais preparado para lidar com o mundo

ELAINE VIEIRA
evieira@redgazeta.com.br

■ Olhando assim, de longe, nossa infância parece bem mais colorida do que a dos nossos filhos. Os pequenos não brincam mais na rua, só conversam pela internet, estão com as agendas lotadas. Mas pode esquecer o clichê “no meu tempo era

melhor”: para as crianças, o mundo nunca foi tão bom quanto hoje.

“As crianças de hoje são muito mais inteligentes, espertas, foram incentivadas desde cedo a desenvolver a linguagem e o raciocínio, o que é uma preocupação recente. Isso sem falar na farta vantagem que elas têm em relação à saúde, se comparado com as outras gerações. Eles ficam menos doentes, morrem menos”, destaca o neurologista e chefe do setor de Neurologia Infantil da Universidade Federal de

São Paulo (Unifesp), Luiz Celso Vilanova.

Para ele, a mudança da infância tem muito a ver com a evolução da sociedade. “Se antes as crianças exploravam mais as habilidades motoras, elas eram praticamente abandonadas no sentido intelectual. As crianças de hoje têm muito mais acesso a informação e recebem estímulos desde cedo, que se refletem na forma de raciocinar delas, já que, na primeira infância, cada estímulo significa uma nova sinapse, a ligação entre os neurônios”, frisa Vilanova.

Para ele, o fato de as crianças viverem mais sozinhas e fazerem menos atividades físicas não compromete a clara vantagem delas em relação às gerações anteriores. “É fato que a infância mudou, mas não necessariamente para pior. O produto final é bem melhor. Quando adultas, essas crianças vão saber lidar melhor com o mundo”, opina.

NOVO PAPEL

Boa parte dessa vantagem é explicada também pelo novo papel que as crianças passaram a ter dentro de casa. “An-

tes, criança não era vista como sujeito. Essa obrigação de ter os pais dentro de casa, cuidando do filho, estimulando sentidos e linguagem desde cedo, também é uma novidade, pois mesmo quando as mães não trabalhavam, havia muito menos preocupação com isso”, explica o neurologista.

Mas o fato de terem esse lado lógico tão desenvolvido não impede que as crianças também sejam estimuladas a se mexer e conviver mais com outras crianças. “Como são extremamente ligadas a aparelhos eletrô-

nicos, essas crianças têm um novo processamento cerebral. Elas conseguem ser mais dinâmicas e têm mais agilidade na percepção. Porém, a cada geração, aumenta o empobrecimento de habilidades sociais. É difícil para essa nova geração conviver harmoniosamente, respeitando os direitos alheios e tolerando as diferenças. Os pais precisam ficar atentos para suprir essas lacunas”, pondera a psicóloga especialista em psicoterapia infanto-juvenil, Fernanda Rizo.

Eles nunca brincaram na rua, mas se divertem

Turma domina a tecnologia de celulares e computador e reclama que os adultos não sabem de nada

■ Com idades variando entre 8 e 10 anos, essa turma fala com propriedade sobre segurança, poluição e diferença de gerações, entre outros assuntos que nem constavam no dicionário de seus pais quando eles tinham a mesma idade.

Mesmo com tanta consciência, não se engane, eles querem mesmo é brincar e ainda reclamam que adulto-

meus pais. Lá em casa sou eu que ajudo a escolher celular, televisão, tudo. E ainda ensino eles a mexer”, diverte-se Antonio. Quando o as-

to é celular, surgem ainda mais diferenças entre pais e filhos. “É muito mais divertido tirar foto, jogar e mandar torpedo do que só falar no celular, como os adultos fazem”, ensina Amanda.

Para An-

dré, as brincadeiras das crianças de antigamente eram bem mais chatas. “A gente gosta de fazer o que é novidade”, simplifica. Mas apesar de passar a maior parte do tempo livre com brinquedos eletrônicos eles também gostariam de

ter mais liberdade. “Sinto falta de me machucar. Os adultos não deixam a gente fazer as coisas divertidas porque é perigoso”, reclama André, acompanhado por Mariana: “Mesmo morando numa casa, eu nunca soube o que é brincar na rua. Mas a minha mãe fala que era muito legal”, comenta.

“É melhor ser criança hoje, porque a gente tem mais coisas para fazer. Mas antigamente as crianças eram mais livres para brincar”

ANDRÉ TCHERNIAKOVSKI
8 ANOS

SONHO DE LIBERDADE. Daniel, Antônio, Amanda, André e Mariana afirmam que



Com idades variando entre 8 e 10 anos, essa turma fala com propriedade sobre segurança, poluição e diferença de gerações, entre outros assuntos que nem constavam no dicionário de seus pais quando eles tinham a mesma idade.

Mesmo com tanta consciência, não se engane, eles querem mesmo é brincar e ainda reclamam que adulto não sabe de nada. "Eles brincam errado. Não acham graça das coisas que a gente gosta. A gente inventa mais", destaca Mariana Costa, 10 anos, e Amanda Kill, 9.

As duas e os colegas André Tcherniacovski, 8, Antonio Albino, 9, e Daniel Basílio, 10, garantem que sabem tudo de tecnologia. "Bem mais que

Para An- brinquedos eletrônicos eles também gostariam de

numa casa, eu nunca soube o que é brincar na rua. Mas a minha mãe fala que era muito legal", comenta.

Mas antigamente as crianças eram mais livres para brincar"

ANDRÉ TCHERNIACOVSKI
8 ANOS

SONHO DE LIBERDADE. Daniel, Antônio, Amanda, André e Mariana afirmam que gostariam de ter mais liberdade, como seus pais tiveram

“Queria que os adultos entrassem na nossa mente, para eles entenderem como a gente pensa, do que a gente gosta”

MARIANA COSTA
10 ANOS



FÁBIO VICENTINI

10 verdades sobre a Nova Infância

Entenda o que mudou da época em que você era criança para cá e saiba como oferecer a seu filho o que ele precisa

1 A realidade

A violência e o trânsito mudaram as cidades. A rua deixou de ser ponto de encontro e as crianças não brincam mais do lado de fora, ficando cada vez mais entediadas



O que fazer

Aproveite os fins de semana para fazer passeios ao ar livre, em parques, praças ou na praia. Se mexer, ter contato com a natureza e conhecer mais caminhos do que o escola-casa-escola só vão fazer bem para o desenvolvimento do seu filho

2 A realidade

Elas ficam mais em casa, em frente ao computador ou à televisão, principalmente quando estão com a empregada ou babá, que não se preocupa em estimular coisas novas



O que fazer

Primeiro, limite o tempo que será gasto com essas atividades. Tente acompanhar o que seu filho vê e aproveite para conversar com ele sobre os assuntos. Assim, ele aprende a não ficar passivo diante da informação que recebe

3 A realidade

As famílias diminuíram. Um casal hoje tem apenas 1 filho, que fica sem outras crianças com quem brincar. Outros adultos tendem a ser permissivos, e ele pode ficar muito egoísta



O que fazer

Abra as portas da sua casa para os amiguinhos. Vale um lanche no sábado à tarde ou até esticar, com uma festa do pijama. Juntar um pequeno grupo para fazer passeios também pode ajudar seu filho a aprender a viver em grupo

4 A realidade

Morando em apartamentos, fica mais difícil conhecer os vizinhos, e os filhos únicos ficam ainda mais isolados



O que fazer

Utilize mais as áreas comuns do prédio, como playground ou piscina. Se não houver, bata na porta do vizinho e se apresente. Vale também perguntar ao porteiro, se há no prédio crianças da mesma idade do seu filho

5 A realidade

Poucos prédios possuem área de lazer, o que faz com que as crianças fiquem ainda mais sedentárias e acabem ganhando peso



O que fazer

Planeje atividades extras para seu filho e incentive-o a ir andando, com você, até a padaria, por exemplo. Uma aula de natação duas ou três vezes por semana pode ajudar

6 A realidade

Preocupados em preparar os filhos para o mercado de trabalho, os pais encheram a agenda das crianças. Com cursos de línguas, informática e música, fica difícil achar tempo para se divertir



O que fazer

No começo vai parecer obrigação, mas vale reservar uma hora do dia para seu filho brincar. Programe um horário em que você esteja em casa, e faça brincadeiras dirigidas, com os brinquedos que ele gosta (só não vale computador e videogame)

7 A realidade

Os pais estão cada vez mais fora de casa. E, quando estão, não fazem atividades junto com os filhos. Assim eles crescem carentes e inseguros



O que fazer

Tudo bem que você também merece descansar, mas tente reservar um momento do dia para conversar e se divertir com seu filho. Procure uma brincadeira que agrade a todo mundo

8 A realidade

As crianças viraram alvo do mercado publicitário. Com produtos e propagandas feitos especificamente para eles, é difícil frear os consumidores-mirins



O que fazer

Seja franco e resista à tentação de dar tudo o que ele pede. Tente estabelecer datas para dar presentes, como aniversário de Natal e não faça deles um prêmio por seu filho ter cumprido as tarefas

9 A realidade

Os brinquedos mudaram e passaram a exigir mais raciocínio e menos movimento das crianças. Elas ficam mais espertas e inteligentes, mas bem menos ágeis e coordenadas



O que fazer

Brinquedos inteligentes são ótimos, mas incapazes de fazer o trabalho sozinho. Antes de dar um supercomputador para seu filho, presenteie-o com objetos simples, como uma bola, que vai ajudar a desenvolver outras habilidades

10 A realidade

Com computadores e videogames, as crianças (principalmente as maiores) passaram a brincar muito tempo sozinhas, sem chances de interagir com outros colegas



O que fazer

A partir de uma certa idade, fica mais difícil controlar o tempo no computador, mas você pode exigir que, além de estudar em casa, e bater papo com os amigos pela internet, ele faça também uma atividade em grupo

Acredite: a infância do seu filho é melhor do que a sua

Com mais acesso a informação e a saúde, ele está mais preparado para lidar com o mundo

ELAINE VIEIRA
evieira@redgazeta.com.br

■ Olhando assim, de longe, nossa infância parece bem mais colorida do que a dos nossos filhos. Os pequenos não brincam mais na rua, só conversam pela internet, estão com as agendas lotadas. Mas pode esquecer o clichê “no meu tempo era

melhor”: para as crianças, o mundo nunca foi tão bom quanto hoje.

“As crianças de hoje são muito mais inteligentes, espertas, foram incentivadas desde cedo a desenvolver a linguagem e o raciocínio, o que é uma preocupação recente. Isso sem falar na farta vantagem que elas têm em relação à saúde, se comparado com as outras gerações. Eles ficam menos doentes, morrem menos”, destaca o neurologista e chefe do setor de Neurologia Infantil da Universidade Federal de

São Paulo (Unifesp), Luiz Celso Vilanova.

Para ele, a mudança da infância tem muito a ver com a evolução da sociedade. “Se antes as crianças exploravam mais as habilidades motoras, elas eram praticamente abandonadas no sentido intelectual. As crianças de hoje têm muito mais acesso a informação e recebem estímulos desde cedo, que se refletem na forma de raciocinar delas, já que, na primeira infância, cada estímulo significa uma nova sinapse, a ligação entre os neurônios”, frisa Vilanova.

Para ele, o fato de as crianças viverem mais sozinhas e fazerem menos atividades físicas não compromete a clara vantagem delas em relação às gerações anteriores. “É fato que a infância mudou, mas não necessariamente para pior. O produto final é bem melhor. Quando adultas, essas crianças vão saber lidar melhor com o mundo”, opina.

NOVO PAPEL

Boa parte dessa vantagem é explicada também pelo novo papel que as crianças passaram a ter dentro de casa. “An-

tes, criança não era vista como sujeito. Essa obrigação de ter os pais dentro de casa, cuidando do filho, estimulando sentidos e linguagem desde cedo, também é uma novidade, pois mesmo quando as mães não trabalhavam, havia muito menos preocupação com isso”, explica o neurologista.

Mas o fato de terem esse lado lógico tão desenvolvido não impede que as crianças também sejam estimuladas a se mexer e conviver mais com outras crianças. “Como são extremamente ligadas a aparelhos eletrô-

nicos, essas crianças têm um novo processamento cerebral. Elas conseguem ser mais dinâmicas e têm mais agilidade na percepção. Porém, a cada geração, aumenta o empobrecimento de habilidades sociais. É difícil para essa nova geração conviver harmoniosamente, respeitando os direitos alheios e tolerando as diferenças. Os pais precisam ficar atentos para suprir essas lacunas”, pondera psicóloga especialista em psicoterapia infanto-juvenil, Fernanda Rizo.

Eles nunca brincaram na rua, mas se divertem

Turma domina a tecnologia de celulares e computador e reclama que os adultos não sabem de nada

■ Com idades variando entre 8 e 10 anos, essa turma fala com propriedade sobre segurança, poluição e diferença de gerações, entre outros assuntos que nem constavam no dicionário de seus pais quando eles tinham a mesma idade.

Mesmo com tanta consciência, não se engane, eles querem mesmo é brincar e ainda reclamam que adulto não sabe de nada. “Eles brincam errado. Não acham graça das coisas que a gente gosta. A gente inventa mais”, destaca Mariana Costa, 10 anos, e Amanda Kill, 9.

As duas e os colegas André Tcherniacovski, 8, Antonio Albino, 9, e Daniel Basílio, 10, garantem que sabem tudo de tecnologia. “Bem mais que

meus pais. Lá em casa sou eu que ajudo a escolher celular, televisão, tudo. E ainda ensino eles a mexer”, diverte-se Antonio. Quando o assunto é celular, surgem ainda mais diferenças entre pais e filhos. “É muito mais divertido tirar foto, jogar e mandar torpedo do que só falar no celular, como os adultos fazem”, ensina Amanda.

Para An-

André, as brincadeiras das crianças de antigamente eram bem mais chatas. “A gente gosta de fazer o que é novidade”, simplifica. Mas apesar de passar a maior parte do tempo livre com brinquedos eletrônicos eles também gostariam de

ter mais liberdade. “Sinto falta de me machucar. Os adultos não deixam a gente fazer as coisas divertidas porque é perigoso”, reclama André, acompanhado por Mariana: “Mesmo morando numa casa, eu nunca soube o que é brincar na rua. Mas a minha mãe fala que era muito legal”, comenta.

ter mais liberdade. “Sinto falta de me machucar. Os adultos não deixam a gente fazer as coisas divertidas porque é perigoso”, reclama André, acompanhado por Mariana: “Mesmo morando numa casa, eu nunca soube o que é brincar na rua. Mas a minha mãe fala que era muito legal”, comenta.

“É melhor ser criança hoje, porque a gente tem mais coisas para fazer. Mas antigamente as crianças eram mais livres para brincar”

ANDRÉ TCHERNIACOVSKI
8 ANOS

SONHO DE LIBERDADE. Daniel, Antônio, Amanda, André e Mariana afirmam que gostariam de ter mais liberdade, como seus pais tiveram

“Queria que os adultos entrassem na nossa mente, para eles entenderem como a gente pensa, do que a gente gosta”

MARIANA COSTA
10 ANOS



FABIO VICENTINI

10 verdades sobre a Nova Infância

Entenda o que mudou da época em que você era criança para cá e saiba como oferecer a seu filho o que ele precisa

1 A realidade

2 A realidade

3 A realidade

4 A realidade

5 A realidade